



# FORMAÇÃO ESTÉTICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO CURSO DE EXTENSÃO DA UNIRIO

## *ESTHETIC FORMATION OF CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS: THE EXPERIENCE OF THE EXTENSION PROGRAM AT UNIRIO*

ADRIANNE OGÊDA GUEDES<sup>1</sup>

*adriane.ogeda@gmail.com*

NUELNA VIEIRA<sup>2</sup>

*nuelnavieira@gmail.com*

### RESUMO:

O foco central deste artigo é apresentar a experiência do curso de extensão “Educação Infantil: arte, corpo e natureza”, realizado no segundo semestre de 2013 em uma universidade federal brasileira. Voltado para professores em exercício do segmento da Educação Infantil, teve a Arte como tema central. Foi possível ampliar as oportunidades de experiências nessa área, envolvendo atividades mobilizadoras da capacidade criativa dos professores, por meio de propostas vivenciais, bem como de contato/apreciação de produções artísticas. Interessa-nos de modo especial focalizar os caminhos metodológicos que fomos traçando que compreendem que a experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação.

**Palavras-chaves:** Educação infantil • Formação de professores • Formação estética

### ABSTRACT

The central focus of this article is to present the experience of the course of extension “Early childhood Education: art, body and nature”, developed in 2013, at a Brazilian federal university. Its specific purpose was the professional development of teachers who work with early learning children. It was possible to expand the experiences on this area by mobilizing the teachers’ creativity through appreciation of artistic productions. We are interested on methodological approaches that includes sensibility, affection and pedagogical ideary.

**Key words:** Early childhood education • Teacher training • Aesthetic training

1 Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Coordenadora do Curso de Extensão “Educação Infantil: Corpo, Arte e Natureza” do convênio MEC-UNIRIO. Doutora em Educação pela UFF, Formada pelo Centro de Estudos e Artes do Movimento Angel Vianna e Especialista em Educação Infantil pela PUC-RJ.

2 Formadora do Curso de Extensão “Educação Infantil: Corpo, Arte e Natureza. Diretora Pedagógica da Casa Monte Alegre Educação Infantil. Especialista em Educação Infantil e Mestre em Psicologia Social pela UERJ.



## FORMAR PROFESSORES... NO DIÁLOGO COM A ARTE

(...) A aprendizagem pela experiência (...) transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos sem pôr em questão valorizações que orientam os comportamentos da vida. Assim, por definição, a formação é experiencial ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa (JOSSO, 2004, p. 48).

Abrimos esse trabalho com uma epígrafe que afirma nossa visão de formação: compreendemos que a experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Essa concepção de formação tem nos orientado na construção teórico-metodológica dos cursos voltados para a formação continuada do professor da Educação Infantil da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), integrando experiências vivenciadas pelo professor à possibilidade de produzir sentido sobre as mesmas, envolvendo afetos, mobilizando ideias, tocando as sensibilidades.

Formar professores... O que é necessário para isso? Quais os melhores caminhos teórico-metodológicos? De que forma articular as questões da prática nas escolas com as discussões teórico-conceituais? E, em se tratando do professor da Educação Infantil, nosso foco de interesse, quais as especificidades do trabalho da docência nesse segmento? Não são poucas as pesquisas e estudos que têm se debruçado sobre o tema da formação docente. Inúmeros são, portanto, os enfoques possíveis para abordar essa questão, e aqui nos interessa discutir acerca de um específico tópico: a formação continuada. Para tanto, no presente artigo apresentamos e analisamos dados do curso de extensão "Educação Infantil: arte, corpo

e natureza", projeto de formação continuada desenvolvido em 2013.

Oferecido pela Faculdade de Educação da UNIRIO, em parceria com o Ministério de Educação (MEC), o curso em foco teve como público-alvo professores em exercício das Instituições públicas de Educação Infantil (creches e pré-escolas) do Rio de Janeiro e atendeu a cerca de 40 professores. Inserido no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores para a Educação Infantil, sob a responsabilidade da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), em parceria com as Instituições Federais de Ensino Superior (IES) e as Secretarias Municipais de Educação, o referido curso de extensão foi organizado de diferentes formas em todo o território nacional, mas seguindo temas de interesse que foram selecionados a partir do levantamento das demandas dos professores do campo da Educação Infantil, fazendo parte dos Planos de Ação articulada (PAR). No caso da UNIRIO, a Arte foi a área temática central.

Nosso interesse pela área justifica-se por concebermos que esta é uma dimensão que tem estado, de um modo geral, menos presente na formação inicial dos professores. Na licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, por exemplo, oferecemos apenas uma disciplina de Artes Visuais para os alunos do sétimo período. Se ampliarmos o entendimento do campo das artes para as demais linguagens, como a música, as artes cênicas (teatro e dança), a literatura, temos uma oferta semelhante ou mesmo inexistente, como no caso da música, do teatro e da dança.

Além desse aspecto que diz respeito à formação inicial docente, levamos em consideração também a forma como, em muitas realidades, as práticas artísticas realizadas nas Instituições de Educação Infantil são desenvolvidas. Na experiência de



orientar os estágios curriculares e em nosso conhecimento de práticas diversas, observamos que a expressão artística tem sido tratada de modo superficial e quase caricato. Sua função é, mais das vezes, ornamental. Murais com desenhos de adultos, personagens de filmes e histórias da Disney (produtos de uma indústria cultural voltada para a infância que precisa ser pensada criticamente), desenhos padronizados, cuja estética adulta é tomada como referência, cópias de desenhos iguais para serem pintadas pelas crianças, festas com danças para serem exibidas às famílias, repletas de movimentos destituídos de sentido, meras reproduções de gestos estabelecidos pelo adulto. A criação e inventividade infantil pouco se evidenciam. Como expressão, dizem pouco do que sente e pensa a criança. Como produção estética, revelam pouco das possibilidades inventivas, de exploração de materiais, formas, ideias, sentidos que se poderia esperar desse tipo de experiência.

A arte no campo da educação (aqui pensando em artes visuais, teatro, dança e música) é uma área de saber que ainda é de certa forma marginalizada na hierarquia curricular escolar ou considerada como uma atividade extracurricular, acessória ou alenadora da seriedade das disciplinas mais "importantes". Muitas vezes a arte que entra na escola é uma "arte" consoladora, confortável, edulcorada, descafeínada, presente em decorações de datas comemorativas, recurso para outras disciplinas, pecinhas e musiquinhas para mostrar aos pais e mães, cópias de girassóis de Van Gogh pelas paredes e tudo o mais que a criatividade "pedagógica" permitir. Apesar desse cenário tão conhecido e persistente, os avanços teóricos do campo da arte e da educação são muitos, não podemos ignorar. Basta considerar o incremento de publicações e eventos na área nos últimos anos, além de experiências inovadoras em algumas escolas. (...) quais as sonoridades ouvidas pela escola quando se fala de arte? A arte apenas conforta ou também pode

perturbar, provocar, deslocar formas de pensar? E o que dizer da relação entre arte e formação docente? (Loponte, 2011, p.40)

A relação da arte com o campo da educação tem sido uma questão que nos inquieta e que está estreitamente ligada à visão de infância e de Educação Infantil que orienta suas práticas. Porém, não nos interessa, de modo algum, engrossar o coro de críticas à escola básica, sem dúvida é possível encontrar muitas experiências ricas nesse campo também. O que está em questão é pensar sobre os subsídios que os docentes têm para trabalhar nesse campo. Compreendemos que é somente a partir da intimidade com a própria possibilidade de criar, a oportunidade de apreciar arte, de frequentar espaços que a fomenta, de ter sua própria capacidade criativa exercitada, que esse professor poderá construir uma prática que envolva o fazer artístico efetivamente. Consideramos que têm sido insuficientes na formação docente as experiências no campo das artes.

É dentro desse quadro de questões e contexto que consideramos oportuno compartilhar e refletir sobre as *pistas quentes* que a experiência vivida na extensão na UNIRIO tem-nos indicado: acompanhar o curso, dialogar com os educadores participantes, documentar o processo possibilitam analisar e ampliar a compreensão sobre sua contribuição para uma formação que envolva e mobilize a sensibilidade dos professores e possa afetar sua relação com o ato criador e com as crianças com as quais convivem.

### "EDUCAÇÃO INFANTIL: ARTE, CORPO E NATUREZA": CAMINHOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS DO CURSO DE EXTENSÃO

(...) A tomada de consciência pela via da



sensibilidade estética também se trata de uma experiência particular para cada professor em sua formação. E consideramos que esta vivência particular lhe permitirá ampliar a sua atitude crítica em relação aos valores subjacentes à cultura da qual faz parte, que lhe servem como referência – constituindo sua ética –, muitas vezes de forma implícita e menos consciente. É assim que compreendemos a potencialidade criadora possibilitada pela estética na formação ética dos professores.

(Schlindwein, 2010)

Pesquisas sobre a formação de professores, como a desenvolvida por KRAMER (2005, 2009), assim como documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC, 2009), indicam o indispensável investimento na formação docente como um dos caminhos necessários para o aprimoramento da Educação Infantil brasileira. Verifica-se a formação insuficiente dos profissionais que atuam na área, seja por falta de habilitação prévia, seja porque essa habilitação não tem sido capaz, de alguma forma, de prepará-los para as especificidades da educação de crianças na faixa de zero a seis anos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIS), instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 5, de dezembro de 2009, definem a concepção e o currículo da educação infantil, primeira etapa da educação básica. Para que essas perspectivas sejam de fato postas em prática, é fundamental que os professores de educação infantil tenham sua formação, inicial e/ou continuada, orientada pelas concepções divulgadas nas Diretrizes para que possam traduzi-las em suas práticas pedagógicas.

As DCNEIS estabelecem no Art. 6º os princípios Éticos, Políticos e Estéticos como norteadores nas práticas pedagógicas nas

instituições de Educação Infantil. Essa perspectiva desvia-se do foco privilegiado na guarda das crianças, ou na preparação para o ensino fundamental, que marcou a história da Educação para crianças de 0 a 5 anos. A Educação Infantil é espaço de experiências sociais significativas, interações das crianças entre si e com o patrimônio cultural da humanidade e da comunidade a que pertencem.

No Artigo 9º, as mesmas Diretrizes estabelecem que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, em experiências que, por exemplo, favoreçam a relação das crianças com diferentes linguagens e o domínio de diversas formas de expressão (gestual, dramática, verbal, plástica e musical).

Nesse sentido, é relevante a oferta de um curso que promova o contato dos professores com diferentes linguagens artísticas, tendo em vista promover experiências e reflexões que os auxiliem a incorporar essa dimensão do trabalho no cotidiano com as crianças da Educação Infantil.

O que é específico da docência em Educação Infantil? De que forma, considerando que estamos lidando com professores em exercício, podemos contribuir efetivamente para a prática do professor de Educação Infantil? Quais os caminhos metodológicos que possibilitam uma efetiva articulação teoria e prática? Essas são perguntas que nos acompanham ao longo da elaboração e da implementação do Curso de Extensão "Educação Infantil: arte, corpo e natureza".

Vindas do campo da Expressão Corporal, Psicomotricidade, Psicologia, Pedagogia e Educação Infantil, nossas experiências



como professoras de Educação Infantil que somos/fomos e em espaços de formação de professores, nos indicavam alguns caminhos. Temos como pressuposto a concepção de que uma relação de ensino-aprendizagem envolve, necessariamente, mobilizar o interesse e incluir as questões que afetam os docentes. Questões estas que, nascidas da lida cotidiana com crianças e adultos em instituições educativas, inquietam e pedem diálogo e troca. Compreendemos também que aprender é experiência de “corpo inteiro”, que envolve o campo sensível do professor. Corpo, sensações, pensamentos, ideias que, provocados por vivências variadas, têm espaço e tempo para emergirem no grupo e com o grupo.

Apostamos também que a vivência coletiva, com grupo de professores, que têm em comum o desafio diário do trabalho com crianças em instituições educativas, fortalece e potencializa as experiências, criando, por meio das trocas e compartilhamentos, uma identidade grupal, ampliando a possibilidade de reflexão sobre o vivido. A importância da educação dos sentidos, da estesia, de ampliar olhares, do dar-se conta do corpo, é o que podemos perceber no depoimento de uma professora que participou do curso:

Esse curso tem me acordado. Cada sábado eu acordo mais um pouco. Ele tem acordado meus repertórios de olhar, de sentir, de tocar. Eu mesma. Eu tenho sentido isso, um auto acordar. Eu lembrando da minha escuta, da minha música, das minhas cores. Lembrando de olhar para os lados do meu corpo, pro meio do meu corpo. Como se meu corpo fosse um rio e eu fosse de uma margem a outra. Hoje me vi acordando meus pés. Como ele se movimenta. Da mesma forma que eu venho me acordando tenho acordado as crianças com as quais trabalho. Sentir o chão, observar as cores,

as texturas. Isso me tem feito dar um grande salto. (Professora Mônica Rosa, depoimento concedido em 2013)

O depoimento da professora dá indicativos de que a direção assumida foi acertada, guiada pelos objetivos gerais, já delineados pelo MEC:

Elevar o nível de conhecimento e aprimorar a prática pedagógica dos professores no que tange à apreciação e expressão em Arte; Contribuir na implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil; Atender as demandas de formação de profissionais da educação infantil explicitadas nos Planos de Ações Articuladas (PAR). (MEC, 2013).

A ementa do curso indicava como temas de estudo os seguintes aspectos: “Criação e imaginação na infância. Educação estética, infâncias e linguagens artístico-culturais. A arte na Educação infantil. Relação e interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes visuais, dança e teatro.”

A partir dessa orientação mais geral, organizamos o curso de extensão e para sua efetivação convidamos (para cada um dos quatro meses e meio de duração) professores do campo das artes, alguns da própria UNIRIO e outros de outros locais. Muitos deles atuando não apenas em espaços de formação, mas também em produções artísticas. Com o intuito de garantir uma unidade, promovemos reuniões com a equipe docente, para planejamento e discussão da metodologia, propondo que a ênfase do curso recaísse na promoção de experiências nos diferentes campos: artes visuais, expressão corporal, dança, teatro, literatura e cinema. Além disso, nossa perspectiva incluiu na programação mensal uma saída externa para, juntos com os professores-cursistas, assistirmos a exposições, espetáculos teatrais, de dança, música, etc.





É importante ressaltar que muitos desses espetáculos previstos tinham ligação com alguns professores convidados, pois, dentre eles, havia bailarinos e atores que estavam em cartaz na cidade com suas produções. Os registros das experiências e o espaço para a reflexão ficariam garantidos pela produção de um álbum individual por parte de cada cursista-professor. Nesse álbum, utilizando diferentes recursos, o desafio era ir documentando, refletindo, registrando o vivido. Esse álbum seria depois socializado entre nós.

Quanto à metodologia, o curso envolveu atividades coletivas e individuais, de modo a promover o aprofundamento teórico-metodológico e estimular processos de reflexão sobre as práticas no cotidiano de trabalho em creches e pré-escolas, no que tange às artes plásticas, visuais, cênicas, a literatura, o cinema e as artes corporais. O curso ofereceu um conjunto de vivências, repertórios e conhecimentos que possibilitaram a construção de olhares e propostas de trabalho com as crianças. Mantivemos – o que ainda fazemos – um grupo de troca em uma rede social e nela os professores postavam as atividades vividas com suas crianças, inspiradas e provocadas pelo trabalho no grupo.

Apostávamos que o modelo mais tradicional de formação, que se ancora na leitura e discussão de textos acadêmicos e discussão das práticas, era insuficiente, restrito, não atingindo de fato esse professor. Apostávamos também que para que fosse possível se tornar um profissional brincante, dançante, cantante, que mergulhe nas linguagens, se conecte com as crianças, tenha no seu corpo a disponibilidade para o encontro e a festa, esse professor precisava, necessariamente, EXPERIMENTAR. Não bastava que os conceitos

sobre os temas fossem discutidos, estudados, etc, era preciso vivenciar experiências que nos aproximassem do nosso próprio corpo. Corpo que dança, que canta, que se relaciona. Era preciso nos exercitar como apreciadores e produtores de arte. Essas apostas foram norteadoras para estruturarmos o curso.

As aulas convidavam à experimentação. Essa aposta se sustenta na convicção que nos anima, orientada pelos estudos do campo da formação docente (DUARTE JR. 2004; LOPONTE, 2011; KRAMER, 2011, dentre outros), de que para que o professor possa efetivamente incorporar em sua prática ações que envolvam o estímulo à criatividade, o fomento à imaginação das crianças, oferecendo experiências que envolvam a corporeidade, a produção artística e a formação cultural e estética, é mister que ele próprio experimente em si mesmo essas possibilidades. Assim, mais do que um conhecimento externo, adquirido pela razão, esse docente terá transformado em elementos vivos em seu repertório, a partir do que as vivências mobilizaram nele.

### UM CURSO, UM ESPAÇO DE TROCAS

Destacamos que em nossas vivências tornou-se vital abrir um momento para trocas. Parar e registrar o vivido com diferentes linguagens (palavras, textos, desenhos, imagens, entre outras) era uma forma de cada um 'perceber' as impressões e marcas da vivência em si. Quais afetos, lembranças, pensamentos, ideias produziram? E, ao compartilhar com os outros, conectar a multiplicidade de efeitos vividos na experiência e elaborar o próprio vivido (digerindo as sensações e construindo ideias). Esse era um momento especial no grupo – as pessoas, cada uma a seu modo,



expressavam sua intimidade: ideias, vontades, imagens, palavras, sonhos... – e aos poucos o grupo se transformava, vivia um processo de aprendizagem que alterava o corpo, as imagens que cada um tinha de si mesmo, integrando um pouco mais o que se sente com o que se vive.

O curso teve a duração de quatro meses e meio. Iniciamos com um mergulho nas Artes Visuais, com o objetivo de estudar e refletir sobre os conceitos e fundamentos estéticos da arte e sobre Imaginação e criação na infância. Esses temas foram trabalhados tendo sempre como perspectiva a articulação do estudo teórico dos mesmos e dos desdobramentos para a prática com a Educação Infantil. As alunas-professoras foram convidadas a experimentar materiais diversos a partir das propostas das professoras. Foram também a uma exposição do Museu de Belas Artes, munidas de uma proposta de apreciação indicada pelas professoras.

No segundo mês, trabalhamos a Consciência Corporal e o Contato Improvisação. Os professores convidados tinham, dentre outras, uma formação de base semelhante: o trabalho da bailarina e educadora Angel Vianna, referência nesse campo. Seu trabalho enfatiza a consciência pelo movimento e tem formado gerações de bailarinos, professores, terapeutas e outros profissionais. Aqui a proposta era ampliar o conhecimento do próprio corpo e de suas possibilidades de criação no contato com o outro. Em foco, a capacidade de comunicação e expressão com gestos, percepções, experimentações do corpo no espaço, tendo a musicalidade e o contato como norteadores.

No terceiro mês, foi vez da Dança, do ritmo e da criação coreográfica. Os encontros visaram a experimentação do corpo

que dança. Elementos como planos do espaço, ritmo, linhas do corpo, tempo, dobraduras do corpo, impulso, fluxo foram trabalhados. Ritmos e passos das danças populares foram vivenciados. A perspectiva era ampliar o repertório de possibilidades de movimento do corpo, tornando-o disponível para o jogo da dança, a brincadeira com os movimentos, a liberdade de criar e se expressar via ritmo e dança. O desenvolvimento da motricidade da criança foi experimentado pelo grupo, que explorou movimentos como o engatinhar, rolar, equilibrando-se em apoios diversos e relacionando tais experiências com o movimento infantil nos primeiros anos.

No quarto mês, abordamos o tema da Cultura e da infância focalizando a brincadeira da criança e as múltiplas linguagens expressivas como possibilidades de conhecer e expressar o mundo. Foi oportunidade de discussão das práticas e sentidos possíveis do trabalho com as diferentes linguagens expressivas na Educação Infantil. Trabalhamos também as relações entre as crianças e a cultura, compreendendo os museus como espaços não formais de educação, onde o sujeito acessa parte da cultura da humanidade.

O curso finalizou com mais dois encontros voltados para o teatro, a literatura e o cinema. Nesses encontros o grupo experimentou oficinas de criação dramática, discutiu a concepção de leitura literária na formação do leitor, travou contato com vasto acervo de literatura para crianças e experimentou a produção de pequenos curtas a partir de técnicas simples e acessíveis de cinema.

Nos relatos e nas trocas que vivíamos a cada semana, observávamos mudanças de hábitos, pessoas resgatando atividades adormecidas; ampliação dos



conhecimentos e das ações (ir ao museu, fazer piqueniques, dançar, pintar o corpo, apreciar a natureza, por exemplo, tornaram-se propostas mais próximas ao cotidiano). Todas essas alterações iam apresentando-se a cada sábado em nossas aulas, nos relatos, nas expressões corporais, onde o riso, o movimento, antes retraídos e tímidos, tornaram-se mais constantes e soltos no grupo. Foi possível viver o Museu de Belas Artes com um pouco mais de leveza e liberdade, interagindo com as obras e com os conceitos, como podemos ver nas fotos (galeria de imagens ao final do texto).

O processo de vivenciar e poder construir, a partir do vivido, articulações e pensamentos, possibilitou ampliar cada vez mais e mais a disponibilidade para experimentar, viver experiências com o grupo. Isso acontecia, quando se compreendia que a proposta metodológica era apostar na experiência como um caminho rico e diverso que produz imagens, vontades e ideias. Havia uma aproximação do modo de ser das crianças que brincam e são disponíveis a experimentar, a descobrir o mundo ao redor e, ao mesmo tempo, se transformam, transformando o meio, ampliando as perspectivas e possibilidades de ação.

### PARA FINALIZAR UM CICLO: ALGUMAS IMAGENS E CONSIDERAÇÕES

Compartilharemos com vocês uma sequência de fotos que ilustram a amplitude que a tinta e o giz de cera, materiais tão presentes no cotidiano da educação infantil, ganharam nas práticas pedagógicas ao longo do curso. Parede e chão alteraram a perspectiva, a relação da criança com os materiais e, assim, as possibilidades de

experiências com estes. Pintar se conjuga com andar, com escorregar, com mexer o corpo. Desenhar se transforma em rabis-car, em dramatizar (o giz de cera vira garras) e uma brincadeira repleta de risos e olhares surge no grupo acostumado a sentar à mesa para desenhar na folha A4. Essas imagens nos ajudam a afirmar o valor do vivido no processo de aprendizagem. Essas vivências com as tintas e com giz de cera provocaram nas alunas-professoras sensações, percepções, trocas e, assim, produziram marcas, afetos em cada uma de diferente forma, chegando às escolas em que atuavam com essas imagens e memórias.

O trabalho com as artes marcou bastante minha prática com as crianças. Fiz várias experiências com as crianças, como as pinturas com as garras, a pintura com as esponjas. (professora Greice Duarte, depoimento de 2013)

Essas imagens foram registradas pelas cursistas-professoras em seus ambientes de trabalho e, assim como as imagens do Museu expuseram uma interação mais espontânea, livre entre as pessoas e as obras, nas cenas do cotidiano delas nas escolas, podemos perceber a disponibilidade entre professores-materiais-alunos. Há um convite em experienciar os materiais, explorar e vivê-los de forma a deixar que as crianças encaminhem as experiências de acordo com seus pensamentos, gestos e imaginação.

Esse é o lugar do corpo na escola, que nos esforçamos por fazê-lo existir: um lugar subjetivo, repleto de imaginações e ações. Não mais aquele corpo que mexe, pula, faz atividades físicas, mas corpo vivo, disponível para construir um cotidiano nas creches e pré-escolas repleto de possibilidades para expressões. A Arte e a natureza nos ajudaram a ocupar esse espaço



do corpo subjetivo, sensível e expressivo. Criamos com esses elementos encontros que tinham, como função maior, expressar o vivido, permitindo que as falas, os textos, os desenhos, as pinturas, contassem um pouco do que sentiram, ganhando formas próprias, singulares. A vivência experienciada em cada encontro com dança, a arte, a natureza, era um meio de construirmos um sentido para o conhecimento.

Os espaços de troca entre os professores foram também muito ricos e produtivos. Foram crescendo a cada encontro. Os depoimentos recolhidos por nós por meio de entrevistas – que merecerão análises

posteriores - nos indicam e atestam que esse caminho de formação é fértil, promovendo transformações concretas na prática cotidiana desses docentes. Além da vontade despertada em um grupo de alunas-professoras que, ao finalizarem o curso, nos procuraram desejosas de dar continuidade àquela experiência. Com elas, formamos o grupo de pesquisa-formação, FRESTAS (Formação e Ressignificação do educador: saberes, trocas, arte e sentidos). Mas essa é uma outra história. De continuidade e busca que teve na experiência aqui apresentada seu nascimento, que evidenciou a potência do encontro com o ato criativo.

## GALERIA DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DA EXPERIÊNCIA DO CURSO:



Foto 1



Foto 2



Foto 3



## REFERÊNCIAS

**DUARTE JR.**, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba, PR: Criar edições, 2004.

**JOSSO**, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

**KRAMER**, Sonia (org.) *Profissionais de educação infantil, gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.

**KRAMER**, Sonia; **NUNES**, Maria Fernanda; **CARVALHO**, Maria Cristina. *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

**KRAMER**, Sonia e **LEITE**, Maria Isabel. *Infância e Produção cultural*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

**LOPONTE**, Luciana Gruppelli. *Arte e inquietudes estéticas para a educação*. In PASSOS, Mailsa Carla Pinto e PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Educação como experiência estética*. Rio de Janeiro: NAU, 2011 (30-51).

**NUNES**, Maria Fernanda; **CORSINO**, Patrícia e **KRAMER**, Sonia (coordenação) [et al.]. *Educação Infantil e Formação de profissionais do Estado do Rio de Janeiro (1999-2009) - Relatório de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Traço e Cultura, 2011.

**SCHLINDWEIN**, Luciane Maria. *Arte e desenvolvimento estético na escola*. In PINTO, Angel; **SCHLINDWEIN**, Luciane Maria e **NEITZEL**, Adair de Aguiar (orgs.) *Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

**RECEBIDO** em 18/02/2015

**APROVADO** em 12/04/2015